



## **“A INSTRUÇÃO, SÓ A INSTRUÇÃO FARÁ O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE”: A INFLUÊNCIA DE FRANCISCO FERRER E DO ANARQUISMO NA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR EM TERRAS CAIPIRAS**

Daniel da Silva Barbosa  
Universidade Estadual Paulista, Bauru, Brasil  
[ds.barbosa@unesp.br](mailto:ds.barbosa@unesp.br)

Macioniro Celeste Filho  
Universidade Estadual Paulista, Bauru, Marília, Brasil  
[macioniro.celeste@unesp.br](mailto:macioniro.celeste@unesp.br)

### **RESUMO**

Utilizando-se de Raymond Williams e sua Sociologia da Cultura este artigo investigou os momentos que possibilitaram a formação de João Penteado como docente e sua inserção na epistemologia anarquista. Segundo resultados obtidos por análises de fontes impressas como folhas locais - como o Comercio do Jahu e Correio do Jahu - e libertárias da capital paulista - como A Lanterna, A Guerra Social e A Terra Livre -, além da obra memorialista de João Penteado Pioneiros do Magistério Primário, buscamos traçar uma linha entre as experiências didáticas de Penteado como aluno e suas escolhas como docente libertário lecionando numa escola isolada no meio rural de Jaú. Essas escolhas resultaram no Caso de Bica de Pedra e na saída de Penteado de Jaú.

**Palavras-chave:** João Penteado. Anarquismo. Educação Libertária.

## **“LA INSTRUCCIÓN, SÓLO LA INSTRUCCIÓN HARÁ LIBRE AL HOMBRE EN LA TIERRA LIBRE”: LA INFLUENCIA DE FRANCISCO FERRER Y EL ANARQUISMO EN LA FORMACIÓN DE UN MAESTRO EN TIERRAS DE PATÁN**

### **RESUMEN**

A través de la Sociología de la Cultura de Raymond Williams, este artículo investigó los momentos que posibilitaron la formación de João Penteado como docente y su inserción en la epistemología anarquista. Según los resultados obtenidos a partir del análisis de fuentes impresas como periódicos locales -como Comercio do Jahu y Correio do Jahu- y periódicos libertarios de la capital paulista -como A Lanterna, A Guerra Social y A Terra Livre-, además a la obra memorial de João Penteado Pioneiros do Ensino Primario, buscamos trazar una línea entre las experiencias didáticas de Penteado como estudiante y sus elecciones como maestro libertario enseñando en una escuela aislada en la zona rural de Jaú. Estas elecciones resultaron en el caso Bica de Pedra y la salida de Penteado de la ciudad de Jaú.

**Palabras clave:** João Penteado. Anarquismo. Educación Libertaria.

## **“INSTRUCTION, ONLY INSTRUCTION WILL MAKE MAN FREE ON LAND FREE”: THE INFLUENCE OF FRANCISCO FERRER AND ANARCHISM IN THE TRAINING OF A TEACHER IN BUMPKIN LAND**

### **ABSTRACT**



Using Raymond Williams and his Sociology of Culture, this article investigated the moments that made possible the formation of the João Penteadó as a teacher and his insertion in anarchist epistemology. According to results obtained from analysis of printed sources such as local newspapers - such as *Comercio do Jahu* and *Correio do Jahu* - and libertarian newspapers from the capital of São Paulo - such as *A Lanterna*, *A Guerra Social* and *A Terra Livre* -, in addition to the memoirist work of João Penteadó *Pioneers of the Primary Magisterium*, we seek to draw a line between Penteadó's didactic experiences as a student and his choices as a libertarian teacher teaching in an isolated school in the rural area of Jaú. These choices resulted in the Bica de Pedra Case and the Penteadó's departure from Jaú.

**Keywords:** João Penteadó. Anarchism. Libertarian Education.

## **"L'INSTRUCTION, SEULE L'INSTRUCTION RENDRA L'HOMME LIBRE SUR LA TERRE LIBRE": L'INFLUENCE DE FRANCISCO FERRER ET L'ANARCHISME DANS LA FORMATION D'UN ENSEIGNANT EN TERRE PLOUC**

### **RÉSUMÉ**

À travers la sociologie de la culture de Raymond Williams, cet article a enquêté sur les moments qui ont rendu possible la formation de João Penteadó en tant qu'enseignant et son insertion dans l'épistémologie anarchiste. Selon les résultats obtenus par l'analyse de sources imprimées telles que les journaux locaux - tels que *Comercio do Jahu* et *Correio do Jahu* - et les libertaires de la capitale de São Paulo - tels que *A Lanterna*, *A Guerra Social* et *A Terra Livre* -, en plus de l'œuvre mémorielle de Penteadó *Pionniers de l'École Primaire*, nous cherchons à tracer une ligne entre les expériences didactiques de João Penteadó en tant qu'étudiant et ses choix en tant que professeur libertaire enseignant dans une école isolée de la zone rurale de Jaú. Ces choix ont abouti à l'affaire Bica de Pedra et au départ de Penteadó de la ville de Jaú.

**Mots clés:** João Penteadó. Anarchisme. Éducation libertaire

### **INTRODUÇÃO**

A indagação sobre como o anarquismo - como forma de "utopia" - afetou a educação, a cultura e as lutas sociais em todo o mundo, desde a primeira revolução industrial até o século XXI, nos levou a investigar a seguinte temática: elucidar as práticas significativas e ideias circulantes absorvidas e ressignificadas por João Penteadó dentro de um sistema de significações realizadas que lhe proporcionaram num palco de conflitos e relações mais amplas, uma produção material e cultural libertária na sociedade jauense entre 1877 e 1913. A questão que nos norteou foi: qual o peso da epistemologia anarquista na formação de João Penteadó como militante e docente ainda vivendo em Jaú, município do interior do Estado de São Paulo? Em outras palavras, nos perguntamos o ponto de inflexão da intelectualidade e experiência de vida de João Penteadó que motivou sua escolha pelo anarquismo como filosofia de interpretação da sociedade e da pedagogia racionalista como sua prática docente?



Como fundamentação teórica, fizemos uso da Sociologia da Cultura de Raymond Williams (WILLIAMS, 1992), sobretudo os termos “cultura residual”, “cultura emergente” e “círculo cultural restrito”, importantes para compreender os espaços de convivência que permitiram a transitoriedade e troca de ideias que estabeleceram bases doutrinárias, filosóficas e formas próprias de interpretar a sociedade para certos interlocutores nos grupos culturais restritos de Jaú, dos quais nosso sujeito histórico se relacionou. Fizemos uso das fontes históricas impressas das folhas oficiais jauense (*Commercio do Jahu* e *Correio do Jahu*), bem como de folhas anarquistas da cidade de São Paulo que circulavam nas mediações do município de Jaú (*A Guerra Social, A Lanterna, A Terra Livre, A Voz do Trabalhador*), assim como literatura produzidas por alguns interlocutores desse círculo cultural restrito (PENTEADO, 1944, 1953; TEIXEIRA, 2009).

O historiador canadense George Woodcock (1912-1995) iniciou sua obra *Anarchism*, de 1963, questionando a premissa de Sebastien Faure de que qualquer um que negue as autoridades é um anarquista. Para Woodcock, é preciso considerar as bases epistemológicas e filosóficas que norteiam as ações do libertário. Como o anarquista Piotr Kropotkin foi muito lido pelo nosso sujeito histórico e seus contemporâneos libertários, faz-se preciso olhar para sua a teoria social cuja afirmação é de que “há um sentimento moral no homem como a sociabilidade e a própria sociedade” numa empatia recíproca entre os membros da espécie, essa afirmação indica que o ser humano tem em sua natureza a cooperação (KROPOTKIN, 1913, p. 34). Pela premissa de Sebastien Faure, ao olhar para a vida do anarquista João Penteado ficaria fácil justificar que Penteado conviveu com as mazelas e injustiças que o levaram interpretar o mundo e a sociedade onde viveu de modo a muda-la. Entretanto, não seria preciso muitas reflexões para indagar o porquê outras pessoas, que viveram no mesmo espaço social que ele, não tiveram o mesmo caminho de interpretação de mundo sob bases libertárias. Daí citarmos Woodcock e Kropotkin acima reconhecendo necessário percorrer os espaços culturais e intelectuais que João Penteado transitou para compreendermos como se formaram as bases filosóficas que confluíram com as epistemologias libertárias e sua pedagogia racionalista.

## **O PRIMEIRO “CÍRCULO CULTURAL RESTRITO”: O CÍRCULO DE PAULINO DE OLIVEIRA MACIEL**

Num breve histórico da história desse professor anarquista podemos dizer que ele foi filho do terceiro casamento de Joaquim de Camargo Penteado com sua esposa Isabel. Seu pai se mudou de Tiete para o município de Jaú, ambas cidades do interior do Estado de São Paulo,



em função de sua fidelidade com os Almeida Prado, família influenciadora da política agrária da Província de São Paulo no ramo do café e que fundou o Partido Conservador no município de Jaú. Entretanto, Penteado, primeiro filho desse casamento, ao nascer em 1877 não aproveitou os tempos de seu pai de “parentela” política com essa família como mencionou a historiadora Flávia Arlanch de Oliveira (1999) sobre o contexto jauense em questão. Seu pai investiu sem sucesso na plantação de café e em fins da década de 1880 dirigiu o correio local, trabalho de grande esforço e pouco retorno financeiro (TEIXEIRA, 2009). O historiador Fernando Peres (2012) numa interpretação histórica das poucas fontes restantes deste período construiu o cotidiano de João Penteado com seus 12 anos ajudando seu pai e os clientes do correio local nas entregas, leituras e escritas das cartas que circulavam entre o pequeno correio e as poucas ruas do espaço urbano de Jaú.

Nesse momento João Penteado já tinha aprendido as primeiras letras com seu professor Caetano Lourenço de Camargo (Figura 2) e se aproximava de sujeitos da rua onde ficava o correio e sua moradia - Rua das Flores – que formariam um “círculo cultural restrito” no qual abriu transitoriedade para algumas ideias como o espiritismo, obras filosóficas e assuntos científicos que preenchiam as prateleiras da biblioteca de Paulino de Oliveira Maciel (Figura 1), iniciador do espiritismo em João Penteado (PENTEADO, 1944). Nomeamos esse espaço social restrito fomentador de um terreno cultural para organização de formas específicas de olhar, significar e interpretar a sociedade e o mundo ao redor como “círculo cultural restrito” (WILLIAMS, 2011, p. 56). Tal termo tomado de Raymond Williams se justifica, pois esse sociólogo inglês o cunhou para definir espaços sociais restritos que promovem o trânsito de ideias e experiências significativas dentro desse espaço construindo características específicas em interpretar o mundo (WILLIAMS, 1992, 2011).

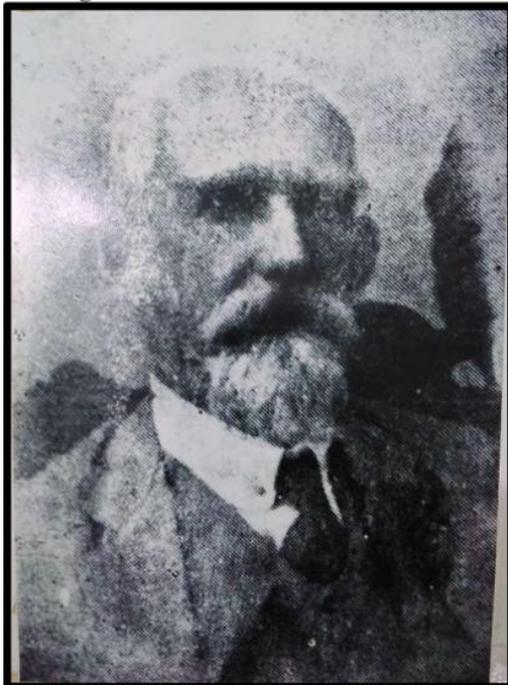
Essas ideias e experiências no “círculo cultural restrito” que Penteado frequentava envolviam leituras específicas, apreços pela tipografia e expressão de ideias e ao espírito da modernidade de forma ampla e esse caldo de ideias lhe fez mesclar, por influência das práticas de Maciel na sociedade jauense, a moral cristã da bondade e da justiça com a ideia espírita de evolução espiritual somados à prática do autodidatismo fomentada pelas leituras espíritas, o que podemos encontrar tanto nas manifestações escritas e cotidianas de João Penteado como de seu iniciador espiritual Maciel. Seu amigo Léo Vaz reafirmou isso no prefácio de João Penteado, afirmando “emérito autodidata que é, [...] e cerceado por uma soma de nobres escrúpulos e princípios morais e filosóficos que muito o dignificam, conseguiu ir acumulando os elementos de uma bela cultura” (LÉO VAZ *apud* PENTEADO, 1944, p. 09). O primeiro manteve escritos em jornais espíritas por diversas vezes (MORAES, 2013; PERES, 2012;



PIRES, 1983). Já o segundo, entrou para a memória histórica da sociedade jauense pela liderança na fundação da primeira Santa Casa de Jaú e por sua constante preocupação com os mais pobres (FERNANDES, 1955).

Entre 1891 e 1897, com seu pai já falecido e tendo que assumir a frente de sua família de mais três irmãos, João Penteado iniciou suas primeiras experiências com tipografia através dos efêmeros jornais produzidos por Paulino de Oliveira Maciel (FERNANDES, 1955; PENTEADO, 1953; TEIXEIRA, 2009). E, provavelmente por incentivo do professor Caetano Lourenço de Camargo (PENTEADO, 1944), João Penteado realizou provas para ingressar no ensino primário das escolas isoladas que abriam cadeiras concursadas na década de 1890. Essa experiência docente, ao nosso ver, transformaria a vida e a forma de interpretar o mundo e a educação do jovem professor João de Camargo Penteado, em especial pelo local de sua docência e pelas escolhas que fez inserindo-o em outro “círculo cultural restrito” com debates e ideias mais intensas: o anarquismo.

**FIGURA 1** - Paulino de Oliveira Maciel



**Fonte:**

Centro Espírita Verdade e Luz, fundado por Maciel no município de Jaú em 1905.

**FIGURA 2** - Caetano Lourenço de Camargo



**Fonte:**

Penteado, 1944.

## O ANARQUISMO DE JOÃO PENTEADO



Os concursos públicos como o que João Penteado prestou e passou, exigiam conhecimentos específicos como o próprio Penteado destacou em sua obra memorialista sobre a professora Ernestina de Siqueira, cujas palavras eram “qualquer pessoa mais ou menos alfabetizada, conhecendo as quatro operações fundamentais”, poderia passar na avaliação para lecionar (PENTEADO, 1944, p. 41). Para os cargos normalistas exigia-se formação. Entretanto, para assumir as cadeiras das escolas isoladas que eram salas multiseriais e extremamente precárias, onde a preocupação era mais a disciplina e dividir os alunos e alunas segundo o sexo e menos o grau de aprendizagem, bastava constatar ler, escrever e realizar as operações matemáticas além de apresentar um “Atestado de moralidade”. Tudo indica que João Penteado ainda não conhecia as ideias libertárias que embalavam mentes e práticas coletivas em outras regiões do Brasil, América e Europa (CORREIO DO JAHU, 29/01/1908).

Temos também o fato de que a região onde João Penteado iniciou sua prática docente era um bairro rural distante do espaço urbano de Jaú cerca de 17 quilômetros, com uma subprefeitura na qual a família fundadora do bairro rural e a paróquia local valiam de seus poderes e influências. O fundador da fazenda Bica de Pedra, Antônio Joaquim da Silva Fonseca (1820-1914), que havia cedido o espaço para a fundação do bairro Bica de Pedra e da primeira igreja católica que se responsabilizou por escolher a quem seriam vendidos ou cedidos os terrenos ao redor da praça. Seu filho, José Antônio da Silva Fonseca, se tornou subprefeito do bairro (PRADO; PRADO, 2013). Diante da descrição deste espaço, como que o anarquismo entrou na vida e mente de João Penteado?

A fazenda Bica de Pedra, assim como muitas outras fazendas de café do interior paulista receberam imigrantes portugueses, espanhóis e italianos que trouxeram seus anseios, temores, ideias e espírito moderno. Apesar do contexto sociocultural desfavorável da fazenda e do bairro Bica de Pedra, foi justamente nessa região que identificamos manifestações e tentativas de grupos de leituras e de transitoriedade de ideias anarquistas que formaram outro “círculo cultural restrito” do qual João Penteado foi interlocutor. Nesse outro “círculo” de convívio que Penteado passou a frequentar em Bica de Pedra, transitavam jornais libertários da capital paulista e de outras partes, como *A Lanterna*, *O Livre Pensador*, *A Terra Livre*, *A Guerra Social* e *La Battaglia*.

O jornal *A Lanterna* tinha como colaborador em Bica de Pedra um anarquista que assinava por Schmidt e o farmacêutico Edgar Caldas que viria colaborar na fundação do primeiro Centro Operário de Jaú, o Centro Operário Beneficente e Instrutivo de Jahu em 1908. Edgar Caldas e Schmidt recebiam os exemplares e distribuíam para os assinantes cujos nomes eram listados em vários exemplares da folha. “V. Curvello”, “Raphael da Cunha”, “Um livre



Pensador”, “Antonio Joaquim”, “Teixeira de Almeida”, “Um Anticlerical”, “Inimigo”, “Angelo Mendes”, “Avelino Pereira Souza”, “Ângelo Coutini”, “Baptista Junior”, “Belmiro Coelho Silva” e tantos outros nomes que facilitavam a transitoriedade de ideias anarquistas e anticlericais em Bica de Pedra desde 1901<sup>1</sup>, ano de fundação do jornal.

Identificamos fragmentos da obra *Prisões* do russo Piotr Kropotkin vendida desde 1900, em especial o capítulo *A Moral Anarquista*, onde o autor defendia uma natureza humana como sendo o da cooperação e solidariedade (KROPOTKIN, s/d). Outra obra desse anarquista russo que transitava pelas mãos dos assinantes dessas folhas era *A Conquista do Pão*, onde Kropotkin procurou solidificar as alianças entre camponeses e operários na formação de uma família humana desapropriando as riquezas da humanidade construídas coletivamente, justificando que:

a herança da Humanidade são esses resultados do labor de milhares de pessoas, mas que foi monopolizado por uns que passaram a defender o direito de herança a si. Assim, o filho do capitalista tem herança, mas o filho do trabalhador não tem. (KROPOTKIN, 2011, p. 23).

Outro autor anarquista lido neste tempo foi Élisée Reclus. Sua obra *Evolução, Revolução e o Ideal Anarquista*, foi lido por Penteadado. Para Reclus, evolução é o desenvolvimento gradual e contínuo das ideias e dos costumes. Mas a revolução seriam as mudanças bruscas dessa realidade contínua. A diferença entre ambas está que na segunda o homem pode decidir e organizar melhor, em detrimento da primeira que segue lei superior e fora do controle de alguém. Portanto, o ideal Anarquista seria uma forma de guiar as revoluções quando estas se mostram surgindo na sociedade, pois Élisée Reclus diz que essas não necessariamente são positivas ou negativas, dependem dos homens que agem nela. Na passagem em destaque abaixo podemos averiguar a importância desta obra para a organização das ideias e práticas anarquista do período:

Já não basta lançar-se furiosamente à batalha [...], chegou o tempo de prever, calcular as peripécias da luta, preparar cientificamente a vitória que nos dará a paz social. A primeira condição para o triunfo é nos livrarmos da ignorância: é preciso que conheçamos todos os preconceitos a destruir. (RECLUS, 2002, p. 151).

Seguiu Reclus afirmando que a ciência não deveria ser um privilégio de poucos, mas uma ferramenta para todos que almejam libertar-se da ignorância. Esse trecho em destaque da

<sup>1</sup> *A Lanterna*, 20/04/1901, n. 04; 19/05/1901, n.06; 24/06/1901, n. 08;



obra de Élisée Reclus defende uma interpretação científica e atenta do contexto histórico para compreensão dos males sociais na organização da sociedade. Em destaque está a instrução como arma primeira do revolucionário para destruição dos preconceitos, interpretação dos males sociais e construção de uma cooperação solidária rumo à revolução. Em outra passagem da mesma obra, Reclus identificou o lugar do anarquista nesse caminho.

Os anarquistas, os artesãos da nova sociedade, o que podem eles opor a todas essas forças organizadas? Nada, segundo parece. Sem dinheiro, sem exército, sucumbiriam, com efeito, se não representassem a evolução das ideias e dos costumes. Eles não são nada, mas têm a favor deles o movimento da iniciativa humana. (RECLUS, 2002, p. 91).

Nas palavras de Reclus há um lugar social onde o anarquista deve se colocar: o de construtor dos caminhos da revolução e de vivência no presente de uma sociedade pós-revolução. Piotr Kropotkin e Élisée Reclus organizaram a corrente anarco-comunista que ganhou destaque após a Confederação do Jura de 1879, e suas obras ensejavam uma ética e uma prática características dos militantes anarquistas de então. Conceitos como solidariedade (*A Greve*, 10/10/1903, ANNO I, n. 08), felicidade (LEUENROTH, 1963), igualdade, altruísmo e fraternidade (RODRIGUES, 1975) eram reinterpretados dentro dessa epistemologia anarquista.

Essas ideias transitavam nas folhas anarquistas e nos “círculos culturais restritos” libertários que se formavam no bairro rural de Bica de Pedra. O ano de 1905 é significativo para compreensão do anarquismo em nosso sujeito histórico. João Penteado publicava seu jornal *O Operário* em Jaú e estava em Bica de Pedra quando Oreste Ristori fez sua primeira visita neste bairro. Sobre esse seu jornal, a historiadora Luciana Eliza dos Santos publicou um trecho que colocamos logo abaixo:

A nossa força, o nosso poder está na união, na solidariedade que nos deve animar na concepção do nosso social, na conquista do nosso direito. Sejamos, pois, observadores e dedicados ao estudo das coisas que nos interessam, a exemplo dos nossos companheiros de Santos e de São Paulo, onde o movimento operário na orientação de seus fios já é uma realidade, a despeito das perseguições de quem tem sido vítima.

Aqui também, como em toda parte, faz-se necessária a criação de um centro operário, como já o disse o nosso colaborador prof. Bento de Siqueira. Isso, todavia, não é custoso. Basta boa vontade por parte da maioria dos companheiros. A criação do *O Operário* foi baseada nesse escopo e por isso mesmo trabalhamos com todo o ardor, sentindo cada vez mais a necessidade de nos unir em associação para melhor cooperarmos em proveito da coletividade trabalhadora. (PENTEADO, s/d *apud* SANTOS, 2009, p. 145).



O que vemos no trecho acima é que o conceito de solidariedade está em associação ao objetivo social que é a coletividade trabalhadora. O sentido da existência do jornal *O Operário* é sincrônico com o conceito de solidariedade, também visa a coletividade dos trabalhadores. Temos que destacar o professor Bento de Siqueira. Este professor se mudou para Jaú com sua esposa Ernestina, também professora, em setembro de 1896, para assumir cadeiras do ensino estadual, que posteriormente abandonaram, em 1904, para investir no ensino particular com seu Instituto Tomaz Galhardo, que o próprio João Penteado lecionou entre 1904 e 1906 (PENTEADO, 1944). Esse jornal não foi o único envolvimento de Bento de Siqueira com questões dos trabalhadores, pois no ano de fundação do Centro Operário Beneficente e Instrutivo do Jahu, Siqueira disponibilizava sua residência para eventuais reuniões e assembleias do Centro até a construção de sua sede em 1909 (COMMERCIO DO JAHU, 10/11/1908).

Em abril de 1906, João Penteado publicou um texto especialmente significativo para compreensão da escalada deste docente no seio do anarquismo. Vejamos alguns trechos:

Majestosa, sublime, a aspiração que nos embala, encorajando-nos através das dificuldades, para a conquista de nossos direitos, para a luta que começa por acender em meio da humanidade o facho da razão, cuja luz faz nascer em nossos corações o amor, e termina por nos oferecer um futuro mais ou menos breve, a posse da terra, tornando-a livre, cheia do sol da liberdade, cujas delicias nos felicitaram e cuja perspectiva, entretanto, desde já, nos dá conforto, alentando-nos em meio do elemento social da actualidade [...].

*O homem livre sobre a terra livre*, eis o ponto para onde devemos lançar nossas vistas; eis a divisa desde jornal.

Tomemo-la para nós, que também nos serve. E que a frase de Goëthe, em nossa alma, seja a evocação constante desse direito, pelo qual nós, os operários, devemos combater.

O nosso ideal é puro e sublime: dá-nos coragem para a luta e anima-nos nas organizações de resistência e propaganda, baseadas sempre em princípios de liberdade e de moral a mais rigorosa. [...].

A nossa tarefa é árdua e tanto mais se torna necessário o nosso contingente, quanto urge a nossa intervenção para que nessa luta – que é toda nossa, porque respeita ao nosso bem-estar, de amor, as quaes, há séculos já, foram lançadas entre os povos deste planeta [...].

É tempo de pormos de parte os preconceitos inúteis e lançarmos um olhar avante, investigando e medindo a vastidão do nosso campo, tendo em nossa alma o ideal libertador, que nos dá vida, fazendo com que não nos conformemos com o circulo estreito, acanhadíssimo, de relações sufocantes e corruptoras nem participemos da obra da escravidão.

O nosso dever é ampliar o horizonte de nossos conhecimentos. É tempo disso. Avancemos, portanto em busca da nossa liberdade! O tempo que nos sobrar, empreguemo-lo na leitura dos livros e periódicos, cuja orientação perfeita, clara e concisa nos interesse. *A Terra Livre* é um dos recomendáveis. (*A Terra Livre*, 15/04/1906, n. 02).



Nessas palavras de Penteado é percebida a empolgação da luta por ideias que ultrapassam a doutrina espírita. A defesa da razão liga-se à ciência, romantiza-se a liberdade e a terra compartilhada de uma maneira à espera de um *porvir* que dá sentido à luta (sol da liberdade). Penteado atacou a ordem estabelecida (elemento social da atualidade) com furor, pois ele se colocou como operário (nós, operários), e como tal se vê falando por e para eles. Essa luta, que dá sentido ao *porvir*, é a própria prática, onde sem ela, não se conquista o ideal: a fraternidade humana sobre a *terra livre*. Essa luta também é um dever moral (nosso dever), orientada na literatura anarquista (leitura de livros e periódicos) que embasa o ácrata nas formas de pensar e olhar a sociedade. Encontram-se nesse texto os meios e os fins da epistemologia e prática anarquista. Ação direta, fraternidade e romper com valores preconceituosos que garantem a permanência da sociedade condenada pelos anarquistas. Percebe-se nas palavras acima que João Penteado tem grande intimidade com as orientações ácratas.

Esse periódico lido por Penteado, foi criado em 1905 pelo anarquista Edgar Leuenroth para incentivar a organização operária e disponibilizava vasta biblioteca anarquista contendo autores como Élisée Reclus (*Evolução, Revolução, Ideal anarquista; El Hombre y la Tierra; A Anarquia e a Igreja*), Errico Malatesta (*A Anarquia*), Oreste Ristori (*Discurso e Socialismo*), Piotr Kropotkin (*O Passado e seu Papel Histórico; As Prisões; O Comunismo Anárquico; A Conquista do Pão*), entre outros autores que igualmente propunham construir um olhar da relação do homem com a terra diferente do praticado nas cercanias do município de Jaú e do bairro Bica de Pedra. Não à toa tal periódico circulava em Araraquara, Bocaina, Mineiros do Tietê, Agudos, Barra Bonita, Bauru, entre outros municípios da região onde habitava nosso sujeito docente e anarquista<sup>2</sup>. Na seção *Ecos das Fazendas* havia muitos desabafos e reclamações da relação colonos-fazendeiros pelo interior paulista. Considerando que o jornal *A Lanterna* explicitamente produzia textos teóricos e relatos sobre ações de excessos por parte de alguns clérigos pelo Estado de São Paulo, destaca-se aqui o perfil de exploração e domínio de poder centrado em grupos sociais específicos nessas regiões.

Observando as visitas do anarquista italiano Oreste Ristori em Jaú em suas três aparições, podemos apreciar igualmente a escalada de João Penteado no seio do anarquismo e na construção de uma característica forma de compreender e interpretar a sociedade na qual ele compartilhava sua existência e seus anseios. No tocante à primeira visita de Oreste Ristori temos o registro em seu jornal *La Battaglia* em 18 de agosto 1905 reproduzido pelo historiador Carlo Romani:

---

<sup>2</sup> A Terra Livre, 15/07/1910, n. 73.



Três viajantes agredidos dentro da floresta ficando um morto e dois feridos. Este fato deixou uma impressão dolorosa em Jahu, onde chegou imediatamente a notícia deste assassinato. Impressão tão dolorosa que nenhum dos meus amigos que haviam prometido me acompanhar em Bico de Pedras, quis ir. A estrada é terrível, ladeada de florestas impenetráveis frequentemente batidas pelos assassinos, muito favorável às emboscadas, e não se marcha senão de charrete. Os companheiros tinham temores justificados. Mas que fazer? Eu havia prometido ir e parti, armado de fuzil para Bico das Pedras. Depois de três horas de *via crucis* cheguei, fui recebido por poucos mas bons amigos e de tarde dei a conferencia diante de um número discreto de ouvintes. Então fui dormir. De manhã tinha de retornar a Jahu e prosseguir depois para São João da Bocaina, onde também devia dar uma conferencia; mas enquanto me preparava par partir, recebi uma carta do companheiro Marchesano de Jahu, na qual me dizia: ‘Há uma pessoa em Jahu que foi de casa dizendo: que o assalto da outra tarde foi devido à extensão da propaganda anárquica, e procura indignar a opinião pública contra você. Olha que pode te ocorrer algum mal sério, esteja em guarda no caminho e, possivelmente não te arrisque a faze-lo’. Imediatamente li este comunicado aos meus amigos de Bico de Pedras, os quais decidiram que era prudente seguir aquele conselho e não se arriscar pela via de Jahu ou de Bocaina. [...] era menos prudente ainda permanecer neste lugar [Bica de Pedra]. Que fazer? Ir a Pederneiras. (ROMANI, 1998, p. 128-129).

Muitos pontos podem ser destacados neste trecho. Primeiro é o risco real de um anarquista se revelar defensor da filosofia e da prática libertária na região, passível de perseguições e tocaias, no bilhete do “companheiro Marchesano” fica evidente. Segundo é que, apesar de poucas informações, Ristori registra a existência de anarquistas e simpatizantes em Jaú e no bairro Bica de Pedra. O município de Jaú na virada do século XIX para o XX, houve grande entrada de imigrantes, seja para colônias rurais de café seja para o ambiente urbano no comércio ou prestação de serviços. Tanto colonos como pequenos comerciantes eram prejudicados com a política dos coronéis do café. Não à toa pequenos comerciantes e até pequenos proprietários rurais tinham simpatia com ideias libertárias que buscavam romper com esse controle característico de regiões do café. No ano de 1907, Ristori fez conferência em Bauru para anarquistas e comerciantes, João Penteadó auxiliou no regimento da Sociedade Mútua de Bica de Pedra em 1909, onde comerciantes, pequenos proprietários rurais e qualquer interessado a partir de 16 anos (COMMERCIO DO JAHU, 21/05/1909).

Em agosto de 1907, Oreste Ristori retorna para Bica de Pedra para a conferência *O Cristianismo perante a história e a sociologia* e João Penteadó envia uma carta para o Jornal *La Battaglia* relatando com entusiasmo a conferência (ROMANI, 1998). Romani escreveu sobre essa visita:



Durante as conferências que realizou, Ristori conheceu os mais diversos tipos, desde os ferrenhos adeptos da causa anarquista até alguns simpatizantes não ortodoxos mas que se aproximavam dele mais em função do caráter racionalista e anticlerical das propostas libertárias. Esse movimento pela racionalização das ideias, Ristori frequentemente deparou-se com educadores, não necessariamente libertários, mas muito propensos a usar os mesmos fundamentos pedagógicos utilizados pelos professores ácratas. Em sua passagem por Jaú, em agosto de 1907, Oreste impressiona muito um educador local chamado João Penteado, que passa, a partir de então, a criar vínculos mais profundos com o movimento libertário. (ROMANI, 1998, p. 160).

Em março de 1909, Ristori retornou novamente em Jaú para a conferência *Prostituição, Alcoolismo e Criminalidade*, ironicamente chamado pela folha local *Commercio do Jahu* de “publicitário italiano” acabou não chegando no dia marcado, 17 de março, devido ao “mal tempo” segundo essa mesma folha. Realizou a conferência no dia 20 com nova temática, *Socialismo e Anarchismo*<sup>3</sup>. Ristori seria expulso do Brasil em 1912, pela Lei Adolfo Gordo criada para intimidação e vingança contra os militantes anarquista que ameaçavam o controle do fazendeiro sobre o colono e do industrial sobre o operário (DIAS, 1997). João Penteado pediu sua exoneração nesse mesmo dia 20 de março. Para compreender a sincronia desses dois fatos devemos visitar a formação e experiências docente de João Penteado em Jaú, entre 1896 e 1909.

### **A DOCÊNCIA DE JOÃO PENTEADO EM JAÚ: A CONSTRUÇÃO DE UMA ÓTICA PEDAGÓGICA RACIONALISTA**

A primeira cadeira de instrução pública do município de Jaú surgiu em março de 1859, sendo de primeiras letras para o sexo masculino e tendo como professor João Roldão de Lara que ficou apenas até 1861 (TEIXEIRA, 2009). Em 1870, surge a primeira cadeira de primeiras letras para o sexo feminino, com a professora d. Margarida de Sá Brandão. Entre 1889 e 1895, foram criadas diversas cadeiras também de primeiras letras no espaço urbano e rural no entorno de Jaú e iniciou-se a construção do primeiro Grupo Escolar do município (TEIXEIRA, 2009). Em 1883, o professor Caetano Lourenço de Camargo vem para Jaú em 1883 para a cadeira de Lara, vaga há 11 anos<sup>4</sup>. João Penteado foi aluno de Caetano numa sala do curso preliminar do sexo masculino entre 1884 e 1888 (dos 7 aos 12 anos) e no intermédio entre 1888 e 1892 (entre 12 e 16 anos) quando funcionava numa sala do prédio da Câmara Municipal de Jaú, visto que Penteado nasceu em 1877. Numa obra memorialista, *Pioneiros do Magistério*

<sup>3</sup> *Commercio do Jahu*, 20/03/1909, n. 64.

<sup>4</sup> *Commercio do Jahu*, 23/10/1913, n. 574.



*Primário* (1944), João Penteado deixou registrado em retrospecto o cotidiano das aulas do professor Caetano e seus alunos:

Havia escassez de escolas e o analfabetismo imperava de tal modo que havia pequena porcentagem de indivíduos que sabiam ler.

Para agravar essa circunstância havia, ainda, a imensa dificuldade de transportes para as grandes distâncias dos centros mais povoados, não havendo para isso outros recursos senão o lombo de cavalo, a canoa, a tropa e o carro de bois.

Assim era que, qualquer pessoa mais ou menos alfabetizada, conhecendo as quatro operações fundamentais, inclinava-se para o magistério primário, alvorava-se logo em professor e vivia modestamente dos subsídios auferidos das mensalidades dos alunos.

E como estávamos afastados dos benefícios da civilização de que hoje dispomos, não tinham outro recurso senão seguir a rotina, aplicando métodos antiquados a par de uma disciplina dura e cruel, mas compatível com a época, pondo em voga os castigos físicos mais bárbaros, dentre os quais invariavelmente apareciam a vara de marmelo, a palmatória e outros instrumentos de suplícios. (PENTEADO, 1944, p. 41).

A situação escolar cotidiana descrita por Penteado não seria tão incomum nas décadas seguintes: condições precárias no exército da instrução, além da sobreposição de diversos métodos didáticos que se misturavam segundo as experiências oriundas da formação precária dos professores. Só na capital e em outras poucas cidades havia a formação mais específica do professorado e mesmo assim incipiente para a demanda. Caetano não teve contato nesse período com o método intuitivo, muito divulgado a partir da década de 1890 por brasileiros defensores da uma reforma na instrução brasileira, como Ruy Barbosa e Rangel Pestana (SANTOS, 2015; PERES, 2020). Portanto, se destaca na memória de Penteado o ultrapassado método lancasteriano e seu estilo de disciplina através dos castigos físicos que persistiram devido à ausência de formação mais sistemática do corpo docente e novas formas de enxergar o ensino. Mas também tal persistência se dava porque era o que a experiência apresentava na hora de encarar situações escolares de salas volumosas (SOUZA, 1998; FARIA FILHO, 2010). Segue Penteado em sua lembrança:

E o professor Caetano, para dar conta de sua árdua tarefa, além de precisar fazer grande esforço, necessitava, também, do auxílio de decurião, que sempre era escolhido entre os discípulos mais adiantados, como, por exemplo, no nosso tempo, Artur Sebastião de Almeida, neto do sr. Antônio Luiz Pereira, ambos já falecidos, de quem ainda nos lembramos perfeitamente. [...] [Iniciavam as aulas] por uma prece ao Divino Espírito Santo [...] para que nos esclarecesse a inteligência. [...] Costumávamos fazer esforços inauditos afim de estudarmos bem as nossas lições e nos livrarmos de alguma remessa de bolos ou de outros castigos. [...] Aprender a lêr, naquele tempo, não era brinquedo, [...] porque os castigos nos apavoravam e nos enchiam de excitação



e de receios, dando-nos motivo de dissabores ais que às vezes nos desencorajavam e faziam perder a boa vontade e o ânimo ante o rigor férreo da disciplina. A escola era-nos quase sempre um suplício. [...] Estávamos no tempo do Império e sob o regime da escravidão, cujos horrores influíam no tratamento observado entre professores e alunos. O trato recebido pelos alunos da movimentada escola do prof. Caetano Lourenço de Camargo não havia diferença alguma do que também se verificava na sua família com relação aos próprios filhos. Ia de extremo a extremo. Ora todo bonança e afetuosidade, ora cheio de exigências e recriminações, tornando-se inexorável na punição das faltas cometidas (PENTEADO, 1944, p. 47-48).

Os decuriões eram auxiliares utilizados pelo método lancasteriano, inserido oficialmente no Brasil em 1827, mas persistiu fracionado ou adaptado nos períodos subsequentes (SAVIANI, 2013). Maria Lúcia de Arruda Aranha (2006) caracterizou o método lancasteriano como empírico, mecânico, sem valor educativo, baseado em receitas e fórmulas e transmissão de conhecimentos superficiais, onde o aluno é a grande vítima de um sistema de bases militares de conduta. Sem diálogos no processo de aprendizagem, a mecanicidade desse método se justificava pela prioridade nas habilidades de memória ao invés da influência verbal. A persistência desse método se deu, apesar da Reforma Leôncio de Carvalho de 1879 que visava a instrução como “civilizatória”, pela sua praticidade e eficiência dentro de um espaço escolar autoritário em uma sociedade acostumada com a violência da escravidão (OLIVIATO, 2017, p. 852).

Ao destacar o uso da “prece ao Divino Espírito Santo” para esclarecer a inteligência, vemos que a concepção de conhecimento em Caetano era algo ligado à essência transcendental, cujo objetivo do docente e da religião era elucidar na mente da criança e não resultado de um procedimento realizado conjuntamente aluno e professor. Em suas memórias, observamos que, apesar de Penteado defender o método intuitivo – usado na pedagogia racionalista de Ferrer -, sua experiência como aluno foi com o método lancasteriano. Resta-nos a pergunta: qual foi o ponto de inflexão entre a experiência como aluno e a prática docente de João Penteado para que esse passasse a ser defensor assíduo de uma prática inovadora na educação?

Nesse fim de século, a responsabilidade pela instrução pública estava sendo passada para os municípios, e ao mesmo tempo propagava os Grupos Escolares como “templos da civilização” dentro do discurso modernizador e civilizatório (SOUZA, 1998). Entretanto, o primeiro Grupo Escolar de Jaú, fundado em 1903, absorvia um número inexpressivo de vagas, sendo completadas pelas *escolas isoladas*, mesmo assim era apenas 27,7% do necessário para as crianças em idade escolar em Jaú (TEIXEIRA, 2009). Essas *escolas isoladas* foram criadas em 1892 pela lei estadual n° 88 para completar as matrículas não atendidas pelos Grupos Escolares. Essas escolas eram regidas por um professor que ministrava o ensino elementar,



instruindo um grupo de alunos em estágios diferentes de aprendizagem, em salas com até 40 alunos, bem diferente dos Grupos que se organizavam segundo estágio de aprendizagem e num espaço físico criado para esse fim (SAVIANI, 2013). Os professores dessas *escolas isoladas*, além das condições precárias, também recebiam menos que os professores dos Grupos. E toda categoria teve rebaixamento salarial de 15% em 1904 e 1905 por decreto (ALMEIDA, 1998, p. 136).

Segundo José Fernandes (1955), Penteado “não tardou a fazer concurso para professor primário e, aprovado, lecionou inicialmente numa das primeiras escolas de Capim Fino (atual Vila Ribeiro) e, posteriormente, em Itapuí, então Bica de Pedra, (FERNANDES, 1955, sem página). A cadeira na qual Penteado lecionou em Bica de Pedra não tem data definida. Teixeira (2009) diz que foi criada em 1891, já Léa de Hungaro de Almeida Prado e José Renato de Almeida Prado (2013) afirmam ser em 1896. Seja como for, é na década de 1890 que o Estado de São Paulo passou a investir progressivamente na educação pública, entre 889:807\$102 em 1891 e 6.344:338\$265 em 1905, permitindo a criação de várias salas (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, p.1908). O nome de registro da *escola isolada* onde Penteado lecionou em Bica de Pedra pode ter sido *Escola do Sexo Masculino de Bica de Pedra*, segundo a legislação do período (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909, p. 56). E as condições materiais foram registradas pelos próprios documentos produzidos pelo órgão do Estado de São Paulo. Observe:

O material didactico de que podemos dispor para uso dos alumnos é mais ou menos suficiente. Entretanto, livros para os professores, ninguém os escreve. Terminado o curso profissional, os professores vão reger escolas isoladas, e ahí têm de formar, pela observação própria, o cabedal de sua orientação, sem uma única fonte que lhes forneça as indicações e preceitos que devem pôr em prática, pra dirigir proveitosamente a escola que lhes foi confiada. (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909, p. 61).

Sobre as instalações:

Em regra geral, as escolas isoladas do Estado funcionam mal instaladas, em salas acanhadas, sem luz e sem cubagem suficiente de ar. O fornecimento de material para essas escolas tem sai feito de maneira irregular. [...] Dentre os estabelecimentos particulares que o Estado subvenciona, alguns mantêm-se com abundância e até com luxo, enquanto as nossas escolas estão na indigência. (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909, p. 66-67).



O que se percebe no texto acima é que as escolas isoladas eram realmente tapa-buracos da instrução pública e não havia programa para solucionar esse problema. O público dos Grupos Escolares era urbano e fixo, pois tinha uma frequência de 83%. Já as escolas isoladas chegavam à 50% no mês de junho devido à migração, em busca de emprego, por parte dos familiares em período de plantações e colheitas. E isso assustava os professores, pois o Regulamento de 11 de janeiro de 1898 previa o fechamento dessas escolas caso chegassem a menos de 15% de frequência (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909), e não havia nenhuma política pública que diminuísse esses números, até porque o que importava para os Governos Estadual e Municipal era exibir os prédios dos Grupos Escolares como símbolos da civilidade urbana nos relatórios anuais da Inspeção. Apesar do alto investimento por parte do Governo do Estado, as escolas isoladas, que eram o grande sustentáculo do volume de matrículas da instrução pública, permaneceram desvalidas de apoio e até ocultadas das obras memorialistas. Sebastião Teixeira (2009), na obra em comemoração da virada do século, e José Fernandes (1955), com sua obra ambientada no primeiro centenário do município de Jaú, tomados pelo discurso civilizatório e modernizador frente a instrução pública em Jaú apenas deixaram um registro pífio dessas salas.

Dentro desse quadro, destaca-se em João Penteado uma preocupação notória sobre a instrução. A situação que Penteado se viu frente no cotidiano das escolas isoladas foi de impossibilidade de qualquer resultado com os métodos que aprendera como aluno do professor Caetano. Assim, ao mesmo tempo que despertava para o anarquismo, a instrução como ferramenta transformadora da sociedade e do indivíduo se mostrava mais clara. O trecho de seu jornal *O Operário*, em 1905, e seu artigo no jornal *A Terra Livre*, em 1906, já citados, mostram essa preocupação. Não queremos fazer associação direta do interesse de Penteado por um ensino transformador com a pedagogia de Francisco Ferrer, mas a uma leitura da educação segundo a epistemologia anarquista, até porque muitos pensadores anarquistas já presumiam tal função social e subjetiva da instrução. Essa visão da educação esteve nos “galhos da árvore genealógica” dos escritores que ajudaram a cultivar as ideias anarquistas, mesmo sem escrever diretamente sobre educação. A educação anarquista quase sempre repousou sobre cinco arrimos: autonomia individual, autogestão social, internacionalismo, ação direta e a instrução integral (GALLO, 2015). O primeiro defende uma dialética essencial entre indivíduo e sociedade; o segundo a autogestão dos cidadãos sobre sua sociedade em oposição à hierarquia exploradora; o terceiro defende o fim dos limites geopolíticos, motivo das guerras e xenofobia; o quarto é o princípio da propaganda e a ação pela transformação da sociedade; o quinto é a



Instrução Integral, desenvolvimento intelectual, físico e moral do ser humano (GALLO, 2015).

Sobre esse conceito de Instrução Integral, há um discurso de Bakunin em 1869:

Enquanto houver dois degraus de instrução para os diferentes estratos da sociedade, haverá necessariamente classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de eleitos, e escravidão e miséria para a maioria [...]. Onde tanto o trabalho manual como o trabalho intelectual são deformados pelo isolamento absolutamente artificial a que ambos foram condenados.

Mas estamos convencidos de que o homem vivo e completo, cada uma destas duas atividades, muscular e nervosa, deve ser igualmente desenvolvida e que, longe de se anularem mutuamente, cada uma delas deve apoiar, alargar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais vasta quando o sábio deixar de ignorar o trabalho manual, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e por conseguinte mais produtivo do que o do operário ignorante. (BAKUNIN, 1979, p. 37-39).

Em outra obra Bakunin escreveu também sobre instrução:

Eternizar o regime da menoridade humana e da autoridade pretensamente divina, enquanto a educação e a instrução da escola, não tendo, ao contrário, outro fim senão a emancipação real das crianças quando chegarem à maioridade, não serão outra coisa senão sua iniciação gradual e progressiva à liberdade pelo triplo desenvolvimento de suas forças físicas, de seu espírito e de sua vontade. (BAKUNIN, 2009, p. 57).

A Instrução Integral se debruçou na ideia de construção de um ser humano livre e defensor da cooperação; Kropotkin dizia que “o homem é um ser essencialmente sociável; que sua vida se compõe de fios inumeráveis que continuam visível e invisivelmente na vida dos outros (KROPOTKIN, 2007, p. 50), compondo que chamamos de Humanidade. Dos cinco arrimos, o último pareceu costurar os outros e por isso ganhou destaque nas pedagogias modernas. Mas não foi Bakunin ou Kropotkin os iniciadores de pedagogias atreladas ao anarquismo. Essas diversas práticas pedagógicas anarquistas tinham pontos em comuns sobre o ensino tradicional, visto como excludente e autoritário. William Godwin (1756-1836), Charles Fourier (1772-1837), Leon Tolstoi (1828-1910), Pierre-Joseph Proudhon (1809-2865), Paul Robin (1837-1912) e Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) (WOODCOCK, 1998; TOMASSI, 1998; LIPIANSKY, 2007). Em 1864, esse tipo de ensino passou a ser pauta da Primeira Internacional dos Trabalhadores. Nessa convenção, Bakunin e Paul Robin apresentaram essa proposta educacional no Congresso da Basileia (VALVERDE, 1996). Em 1898, Élisée Reclus, Grave, Louise Michel, Tolstoi e Kropotkin criaram um comitê para a educação integral (SANTOS, 2009; MARTINS, 2010).



O espanhol Francisco Ferrer y Guardia dialogou com essas concepções pedagógicas anarquistas, mas também abriu colaborações para seu movimento educacional de “franco-maçônicos, livre-pensadores, espíritas e protestantes” (VALVERDE, 1996, p. 56), pondo em prática mais tarde em sua Escola Moderna de Barcelona. Escreveu Ferrer y Guardia que a missão da escola de Barcelona era de “fazer com que meninos e meninas [...] se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito”. Para isso, o estudo deveria ser “racionalizado das ciências naturais”, pois “estimulará, desenvolverá e dirigirá as aptidões próprias de cada aluno, a fim de que, com a totalidade do próprio valor individual, não somente seja um membro útil à sociedade, mas que [...] eleve propriamente o valor da sociedade” (FERRER Y GUARDIA, 2014, p. 37).

Sobre os fundamentos, escreveu Ferrer que a ciência é patrimônio de todos, assim não deveria se restringir a grupos de privilegiados e sim levar a todos o “Procedimento da experiência e da observação”. O método empregado privilegiava as práticas experimentais como meio de busca da verificação das informações, contrapondo aos grupos inimigos que utilizavam uma “pedagogia medieval subjetiva, dogmática que ridiculamente se gaba de um critério infalível” (2014, p. 41). A anarquista Maria Lacerda de Moura destacou que Ferrer chamou para seu programa cultural e editorial de material para a Escola Moderna pesquisadores e cientistas mais notáveis do velho continente para ajudar na “serie dos livros editados especialmente para a escola racionalista e os nomes que os subscrevem atestam a altura dos ideais pedagógicos” propostos pelo pedagogo espanhol (MOURA, 1934, p. 09)<sup>5</sup>. Eram produções que iam desde revistas, jornais escolares, manuais didáticos e produções didáticas baseadas em pesquisas científicas atualizadas. Essas ideias pedagógicas de cunho político transformador se tornaram práticas inerentes ao movimento anarquista na virada do século. Para Jomini (1989), os libertários se viam no papel de fomentar a ação das massas para a construção de uma sociedade alternativa à sociedade atual e suas desigualdades.

No Brasil, em 1906, junto com greves pelo país afora, a Confederação Operária Brasileira (COB) editou jornais e organizou o Comitê pró Escolas Modernas do Rio de Janeiro e a Associação Pró Escola Moderna de São Paulo (JOMINI, 1989). Ainda em 1907, a Liga Operária de Campinas criou a *Escola Social* tendo o professor Renato Salles, Adelino de Pinho que viria a ser grande amigo de João Penteadado e professor da Escola Moderna nº2 de São Paulo.

---

<sup>5</sup> Essa movimentação que Francisco Ferrer fez pode ser vista na tese de Rodrigo Rosa da Silva. Ver em: SILVA, Rodrigo Rosa da. **ANARQUISMO, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)**. 2013. 379 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



Como já destacamos, Oreste Ristori também foi ativo na propaganda da Escola Moderna fazendo conferências sobre o assunto instigando criações (MORAES, 1999; SANTOS, 2009; ROMANI, 1998).

Como vimos acima, o professor João Penteado sinalizava no início do século XX simpatia por uma pedagogia síncrona com as ideias anarquistas para a educação. Penteado se aproximou do professor Bento de Siqueira, provavelmente desde que este chegou a Jaú em 1896 vindo de São Paulo (JAHU MODERNO, 12/02/1914, n. 96; PENTEADO, 1944). Os jornais anarquistas que circulavam em Bica de Pedra publicavam diversos artigos de cunho pedagógico libertário, sob prisma anticlerical, citando exemplos de experiências educacionais que superassem o ensino religioso e autoritário, as próprias obras de anarquistas como Élisée Reclus, Piotr Kropotkin e Malatesta que colocavam explicitamente a instrução como fator preponderante na transformação da sociedade<sup>6</sup>. Os historiadores Rodrigo Rosa da Silva, Guilherme Amaral e Adriano Skoda reuniram na obra *Escritos Sobre Educação e Geografia* (RECLUS; KROPOTKIN, 2014) diversos textos de Élisée Reclus e Kropotkin sobre educação, incluindo cartas desses para Francisco Ferrer. Esses dois anarquistas foram muito lidos por João Penteado. Mas também colunas como do anarquista do município de Limeira A. Viotti que, por vários números do jornal *O Livre Pensador*, discorreu sobre o caráter do ensino à maneira anarquista como ferramenta político-transformadora (O LIVRE PENSADOR, 13/05/1904; 06/06/1904; 12/06/1904; 17/07/1904).

Portanto, em agosto de 1907, o professor João Penteado, que Ristori encontrou na sua conferência de Bica de Pedra sobre o Ensino Racionalista, não foi somente um entusiasta de uma pedagogia alternativa. Penteado e Siqueira teriam bases teóricas para interpretar o ensino à luz de uma pedagogia próxima ao racionalismo *ferreriano*, o que certamente facilitou o entusiasmo de Penteado pela pedagogia racionalista de Ferrer y Guardia.

## O CASO DE BICA DE PEDRA

---

<sup>6</sup> A Lanterna 10/10/1901.



**FIGURA 3** -Primeira missa do bairro Bica de Pedra, em 13 de junho de 1890. O que se percebe é o fomento religioso intenso que posteriormente se evidenciaria no Caso Bica de Pedra como uma militância radical ultramontanista.



**Fonte:** Prado; Prado, 2013.

A pedagogia de Francisco Ferrer não se limitava ao círculo anarquista; para atrair adeptos para sua pedagogia aproximou-se de republicanos, livre-pensadores e qualquer indivíduo que desejasse uma educação científica e livre de dogmas. O ambiente histórico espanhol no qual Ferrer viveu nos dá compreensão de seus objetivos. Era uma Espanha com 80% da educação sob o ensino privado da Igreja, em especial Barcelona que tinha 489 escolas confeccionais e apenas 137 estatais ou privadas. Abrir uma escola racionalista era possibilitar uma instrução que fosse alternativa ao apresentado por instituições externas aos interesses e necessidades da população (SAFÓN, 2003). Em 1901, Ferrer fundou uma escola de ambos os sexos em Barcelona, com 30 anos, para combater o ensino sob domínio da instituição religiosa que, segundo Ferrer, por séculos usou de seu domínio da educação como ferramenta de “adestramento, doutrinação e polimento da sociedade em valores que muitas vezes promoveram o preconceito e a discriminação religiosa, sexual, regional, de pensamento e de menosprezo pelo trabalho” (FERRER Y GUARDIA, 2014, p. 46). Para Ferrer, uma coeducação dos sexos romperia o aprisionamento que o homem converteu a mulher por toda a história, sendo sua proposta resgatar a mulher dessa inferiorização historicamente construída (SAFÓN, 2003). E uma coeducação das classes sociais, outro princípio na pedagogia de Ferrer, viria no sentido de estabelecer a igualdade de oportunidade e de desenvolvimento intelectual (FERRER Y GUARDIA, 2014). Para Ferrer, o ensino científico não era apenas meio de lutar contra os



dogmas da igreja, mas também ferramenta de compreensão da realidade das crianças, pelas próprias crianças. Há questão de higiene, a ciência era instrumento didático na compreensão do universo das bactérias e vírus. Usava-se jogos de forma didática para despertar o desenvolvimento da solidariedade, altruísmo e cooperação ao invés da competitividade. Excursões escolares nas indústrias e no campo serviam para compreender de forma empírica através do método de observação e descrição a natureza geográfica e biológica, o processo industrial e a precariedade do trabalho operário (FERRER Y GUARDIA, 2014).

Percebe-se que Ferrer passou a se tornar um inimigo tanto para o Clero como para a monarquia espanhola, e um atentado realizado por Mateo Morral, ex-funcionário da biblioteca escolar da Escola Moderna de Barcelona, em 1907, foi usado como pretexto para o fechamento da Escola Moderna de Barcelona em 10 de julho de 1907, mesmo sem qualquer indício da ligação entre o atentado de Mateo e a escola ou com Ferrer. Num contexto de intensa manifestação política do povo espanhol, num evento conhecido por Semana Trágica, em junho de 1909, Ferrer foi acusado de mentoria e preso. O julgamento foi interpretado da seguinte forma pelo historiador inglês Antony Beevor:

Embora fosse evidente que Ferrer não podia ter nada a ver com os tumultos, a hierarquia católica exerceu por pressão sobre o governo para condenar seu adversário educacional. Ele foi condenado à morte com base em testemunhos obviamente falsos e a sua execução provocou uma onda de protestos na Espanha e no exterior. (BEEVOR, 2007, p. 52).

A Espanha era um barril de pólvora: uma estrutura tradicional de governo baseada num autoritarismo eclesiástico que perdurava por séculos, e que atravessou o século XIX e chegou ao XX sem parecer cativado por qualquer inovação política e social que buscasse transformações mais sérias. A incompatibilidade do discurso da “Espanha Velha” e os novos movimentos políticos que exigiam transformações evoluiu para um choque que rachou o país mais tarde. A defesa dessa “Espanha Velha” era cara, com o preço de uma expectativa de vida de apenas 35 anos, 64% de analfabetismo, grande parte das terras sob domínio do clero e de uma nobreza atrasada, um rei que começou seu reinado em 1902 aos dezesseis anos de idade (BEEVOR, 2007). Francisco Ferrer foi a bandeira de uma ira que tomou não apenas a Espanha, mas diversas partes do mundo.

O ano que antecedeu a execução de Ferrer, Penteado lia e escrevia no jornal *A Voz do Trabalhador*, da Confederação Operária Brasileira, sediada no Rio de Janeiro. Neste jornal era publicado obras da editora da Escola Moderna de Barcelona, o jornal *Boletín de la Escuela Moderna*, a revista *L'Ecole Rénovée* e a revista internacional de propaganda pela instrução



racionalista *La Scuola Laica* eram vendidos neste jornal<sup>7</sup>. Neste jornal também foi publicado vários protestos em decorrência do fuzilamento de Francisco Ferrer, o que também ocorreu no jornal *A Lanterna*<sup>8</sup> que também publicava artigos de Ferrer da revista *L'Ecole Rénovée*. O jornal *A Terra Livre* publicava artigos sobre escola livre e disponibilizava a também obras da editora de Ferrer<sup>9</sup> em 1908.

Nesse ano de 1908, João Penteado sob esse tipo de leituras vivenciou um fato histórico que iria colocá-lo de vez nos caminhos militantes do anarquismo. Esse fato ficou conhecido nos jornais de circulação local como O Caso de Bica de Pedra. A sala onde João Penteado lecionava em Bica de Pedra, apesar de ser estadual, ficava dentro de uma igreja presbiteriana e isso era comum. No dia 24 de março de 1909 o prefeito de Jaú postou um texto no jornal *Commercio do Jahu* explicando e defendendo uma posição do subprefeito do bairro rural de Bica de Pedra que pedia a troca da professora Ana Sampaio que lecionava na *Escola Isolada do Sexo Feminino de Bica de Pedra* sob a alegação de “incompatibilidade existente” da pessoa da professora enquanto profissional e “parte de população de Bica de Pedra”. Em defesa ao subprefeito José Antonio da Silva Fonseca, o prefeito Constantino Fraga afirmou que o pedido de Fonseca estava dentro da qualidade do cargo exercido, sendo um homem “reconhecido de inteira boa fé”. Segundo Fraga, o inspetor de ensino Colombo de Almeida assumiu a mesma posição. Ana Sampaio foi removida para o município de Barra Bonita (*COMMERCIO DO JAHU*, 24/03/1909).

O fato ocorreu em 12 de dezembro de 1908. E essa explicação só veio ocorrer porque no jornal de Rio Claro *O Alpha*, que circulava também em Jaú, Penteado postou um texto com uma explicação bem diferente da escrita pelo prefeito Fraga. No dia 20 de março, portanto, quatro dias antes da explicação de Fraga, o jornal rio-clarense publicou o artigo *O Caso de Bica de Pedra* - título que passou a ser utilizado também pelo jornal *Commercio do Jahu*. Com o subtítulo “grave escândalo administrativo – padre indigno – politiquice e fanatismo – professorado perseguido” deixa evidente que a explicação de Fraga passou longe da versão de Penteado. Em resumo, no artigo de João Penteado, o vigário de Bica de Pedra, o padre Nicolau Tarloni, teria usado o “fanático e ignorante” subprefeito Fonseca e o escrivão de paz Caetano Pereira com objetivo de perseguir a professora Ana Sampaio por ser ela presbiteriana. E que essa questão repercutiu entre a população jauense, muito em função de seu amigo Argymiro

<sup>7</sup> *A Voz do Trabalhador*, 01/08/1908; 22/11/1908; 29/11/1908; 13/01/1909.

<sup>8</sup> *A Voz do Trabalhador*, 15/11/1909; *A Lanterna*, 17/10/1909; 30/10/1909; 13/11/1909; 20/11/1909.

<sup>9</sup> *A Terra Livre*, 14/03/1908; 03/09/1908.



Acayaba ter esclarecido o fato através do jornal *Correio do Jahu*<sup>10</sup>. O desfecho da história pode ser lido nas palavras escritas pelo próprio Penteado:

[...] As exmas, sras. d. Anna Sampaio, desta povoação e Malvina Morato Ferraz, de Barra Bonita, não aceitaram a permuta ordenada e pediram sua demissão; o professor João Penteado, que estas linhas escreve, também acusado, obteve ordem de remoção desta povoação para a de Villa Ribeiro, em permuta com o professor Agostinho Xavier, sendo que, porém, ambos, por espírito de solidariedade, pediram igualmente sua demissão. [...].

Bica de Pedra, 22/3/909.

João Penteado (*O Alpha*, 25/03/1909).

O vigário Nicolau Tarloni foi o primeiro padre a residir no bairro Bica de Pedra (em 27 de setembro de 1902) e um dos primeiros padres da paróquia, atuando entre 1903 e 1910. E o subprefeito era filho do fundador da fazenda Bica de Pedra que deu origem ao bairro cujo terreno foi cedido pelo próprio fundador (PRADO; PRADO, 2013). De fato, o subprefeito Fonseca pediu a exoneração ou remoção do professor João Penteado<sup>11</sup> do cargo de docente da *Escola Isolada do Sexo Masculino de Bica de Pedra*, o qual, nas palavras do próprio Penteado, agiu pelo mesmo motivo do pedido de remoção da professora Ana Sampaio, mas também é passível de interpretação como perseguição de sua opção filosófico-política.

No dia 20 de março de 1909, mesmo dia da conferência de Oreste Ristori sobre *Anarchismo e Socialismo*, João Penteado pediu exoneração, após ter se removido para lecionar em Capim Fino. Penteado ficou alguns meses dando aulas particulares em Jaú, mas seus irmãos se mudaram para São Paulo onde fundaram juntamente com João Penteado uma escola, a *Escola Nova*<sup>12</sup>. Sete meses depois da exoneração resultante perseguição religiosa e filosófica, acontece a execução de Francisco Ferrer y Guardia, na Espanha, pelos mesmos motivos. Claro que a intensidade do caso de Ferrer foi mortalmente maior, mesmo assim podemos interpretar como um contexto de situações que proporcionaram a João Penteado opções segundo sua base filosófica e política de escolhas nas ações e posicionamento frente ao que ele identificou como sendo imoralidades, injustiças e excessos de poderes, seja político seja religioso, por parte das personalidades envolvidas. O anarquismo de João Penteado o conduziu para tal posição.

<sup>10</sup> *O Alpha*, 25/03/1909.

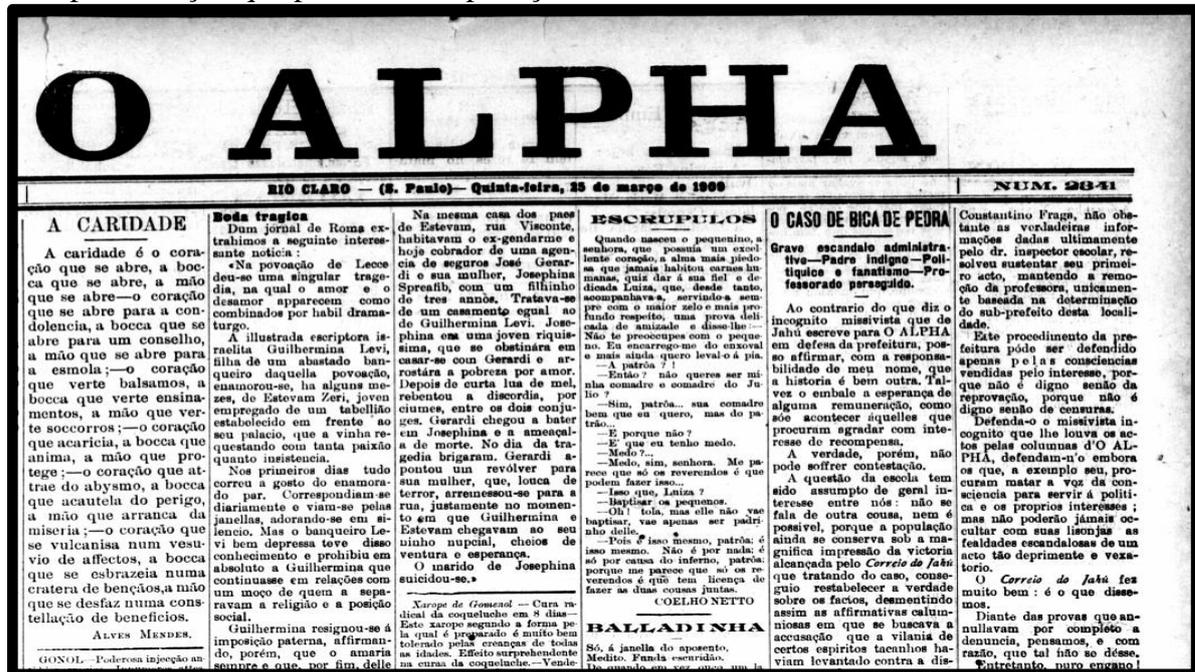
<sup>11</sup> *Comercio do Jahu*, 19/03/1909/ 20/03/1909.

<sup>12</sup> PERES, 2012; MORAES (org.), 2013.



## FIGURA 4 - Jornal de Rio Claro que circulava em Jaú.

Capa da edição que publicou a explicação de João Penteadado sobre o Caso Bica de Pedra.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro

Em 09 de outubro de 1909 Ferrer foi fuzilado na fortaleza de Montjuïc em Barcelona. No dia 11, já podemos ver textos expondo a perplexidade do fuzilamento no jornal local *Commercio do Jahu* e no dia 20 de outubro o mesmo jornal publicou um texto baseado no depoimento de uma testemunha que esteve na fortaleza espanhola detalhando os momentos finais de Ferrer e nomeando os personagens envolvidos na trama<sup>13</sup>. E nesse mesmo dia, o Centro Operário de Jaú realizou um protesto contra o fuzilamento terminando com conferências realizadas pelo farmacêutico Edgar Caldas e João Penteadado (O COMMERCIO DO JAHU, 20/10/1909). As manifestações seguiram nos dias seguintes. Em dezembro ainda havia manifestações em protesto ao fuzilamento de Ferrer, e no dia 4 de dezembro de 1909, seria exibido no Teatro Carlos Gomes uma fita chamada *A Execução de Ferrer* para alguns espanhóis residentes em Jaú, mas o delegado de polícia proibiu a exibição (O COMMERCIO DO JAHU, 04/12/1909).

No ano seguinte, no aniversário de fuzilamento do pedagogo espanhol, o Centro Operário de Jaú anunciou a instalação de uma Escola Moderna em Jaú, que só ocorreu em junho de 1913 tendo duração até dezembro do mesmo ano quando o professor José Garzone se mudou para a cidade de Jundiá. Seguiram-se manifestações de jovens passeando pelas ruas de Jaú pela

<sup>13</sup> *Commercio do Jahu*, 20/10/1909.



morte de Ferrer<sup>14</sup>. E João Penteadado, agora inteiramente envolvido no movimento anarquista da capital, mas deixando sempre sua defesa pela Escola Moderna em diversos textos publicados em folhas anarquistas.

Na época do evento ocorrido em 1908 com Penteadado e a professora Sampaio, havia 49 mil habitantes em Jaú, sendo 7 mil em idade escolar. Mas apenas 22,3% frequentavam as escolas, porcentagem que seguia a média do Estado, em especial das cidades do entorno do município (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909). Em 1909, a porcentagem caiu para 14,4%, enquanto que a média do Estado e das demais cidades do entorno de Jaú alcançou 23,3% da frequência (INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1910). O círculo cultural anarquista deste bairro rural deu bases epistemológicas para João Penteadado lidar com questões pedagógicas que encontrou em seu cotidiano. “A instrução, só a instrução fará o homem livre sobre a terra livre”, escreveu Penteadado num artigo para o jornal *A Guerra Social* em 1912, mesclando Reclus e Ferrer, compreendendo o problema social e a instrução integral como solução para esses problemas<sup>15</sup>. No Caso de Bica de Pedra, os únicos que pareciam se preocupar realmente com a instrução do bairro de Bica de Pedra eram os professores exonerados.

## CONSIDERAÇÕES

Retornando à questão que nos norteou neste artigo, nos propomos compreender qual o município de Jaú. Caminhamos na busca de um ponto de inflexão da intelectualidade e experiência de vida deste sujeito histórico que motivou sua escolha, não apenas pelo anarquismo como filosofia e interpretação de sociedade, mas também como uma de suas propostas pedagógicas para formação humana e de sociedade: a pedagogia racionalista de Francisco Ferrer.

Este ponto de inflexão teve como referenciais contextos históricos diversos. A intensificação da lavoura do café que trouxe a imigração europeia para uma região afastada grande centro urbano que era a capital do Estado de São Paulo. Esses imigrantes trouxeram não somente ideias modernas visando reformas nas mentalidades, mas sobretudo ideias radicais no tocante as formas de interpretar e lidar com os problemas sociais, políticos e econômicos que assolavam não apenas a Europa como o Brasil. Num primeiro momento, João Penteadado toma

---

<sup>14</sup> *Commercio do Jahu*, 11/10/1910; 12/10/1910; 14/10/1910.

<sup>15</sup> *A Guerra Social*, 03/04/1912.



de algumas ideias modernas quando frequentava o “círculo cultural restrito” na residência de Paulino de Oliveira Maciel e essas foram algumas de suas bases humana.

Suas experiências escolares foram inócuas quando precisou lidar com a realidade escolar das escolas isoladas no bairro Bica de Pedra. Apesar de amante da forma de interpretar a sociedade, João Penteado ainda se dividia entre duas culturas: a cultura emergente produzida no “círculo cultural” de Maciel, tolerado pela comunidade jauense que se formava após a reformulação do espaço urbano de Jaú, e os grandes proprietários rurais e seus palacetes no entorno da matriz que se restaurava, e o novo “círculo cultural” marginal dos anarquistas e simpatizantes do anarquismo em Bica de Pedra que facilitavam a transitoriedade de ideias inversas e prejudiciais para a nova comunidade que se formava no centro político e social de Jaú. João Penteado soube absorver um caldo de ideias de ambos os “círculos” e formar seus valores éticos que colocaram a instrução como ponto fundamental na construção de uma nova sociedade.

Para Penteado, um sujeito docente transformador da sociedade deveria não somente pensar e escrever seus anseios e sim atuar de maneira prática nessa transformação e em defesa de seus pontos éticos. O ponto que provocou essa mudança de comportamento foi a perseguição que passaram a sofrer os docentes no bairro rural de Bica de Pedra no final de 1908. Pontualmente, Penteado se colocou segundo as bases éticas anarquistas e isso lhe causou um atrito no ambiente social de Jaú, sobretudo com o vigário e o subprefeito de Bica de Pedra. Em outubro de 1909 João Penteado morava em São Paulo quando ocorreu a execução do pedagogo espanhol criador da Escola Moderna de Barcelona, Francisco Ferrer y Guardia, pelos motivos mesmos de perseguição religiosa que sofrera em Bica de Pedra, evidentemente com intensidades e consequências diferentes, o que fez o professor anarquista jauense se aproximar ainda mais da pedagogia do pedagogo espanhol. Podemos dizer que uma simpatia não apenas pela pedagogia de Ferrer se enraizou em Penteado, mas sim pela figura do educador espanhol, cuja defesa e lembrança Penteado fez questão de trazer à luz por toda sua vida.

O anarquismo em João Penteado, nos momentos iniciais de sua vida docente e de militância política, foi de fundamental importância, dando-lhe um caminho segundo seus valores éticos e humanos para agir não somente como militante dentro do movimento libertário, mas sobretudo como ser humano amante da Humanidade e isso fez o caráter de Penteado. Não pretendemos esgotar neste artigo o assunto sobre a entrada do anarquismo na vida e na docência de João Penteado, apenas contribuir para clarear as condições históricas das quais tornaram possível formar este professor anarquista.



## REFERÊNCIAS

**A Guerra Social**, 1904-1910.

**A Lanterna**, 1901-1912.

**A Terra Livre**, 1906-1910.

**A Voz do Trabalhador**, 1908-1910.

**Commercio do Jahu**, 1908-1913.

**Correio do Jahu**, 1908.

**O Alpha**, 1908-1909.

SÃO PAULO. Inspeção Geral do Ensino do Estado de São Paulo. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo**: 1907-1908. São Paulo: Tipografia Augusto Siqueira & Cia, 1908. 250p.

SÃO PAULO. Inspeção Geral do Ensino do Estado de São Paulo. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo**: 1908-1909. São Paulo: Tipografia Siqueira, Salles & Cia, 1909. 416p.

SÃO PAULO. Inspeção Geral do Ensino do Estado de São Paulo. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo**: 1909-1910. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1910. 436p.

BAKUNIN, Mikhail. **O socialismo libertário**. São Paulo: Global, 1979. 67 p.

BAKUNIN, Mikhail. **Catecismo Revolucionário**: programa da Sociedade, da Revolução Internacional. Tradução e organização de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2009. 96p.

BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha**. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2007. 711p.

DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977. 330p.

FARIA FILHO, Luciano Mende de. **Instrução Elementar no Século XIX**. In: LOPES, E. M. T; FARIA FLHO, L. M de; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 135-150.

FERNANDES, José. **Vultos e fatos da história de Jaú**: capital da terra roxa. [s.l.], 1955. Edição conjunta do Correio do Noroeste, Correio da Capital e Correio de Garça.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. **A Escola Moderna**. Trad. Camilo Alvares. São Paulo: Biblioteca Livre, 2014. 153p.

GALLO, Sílvio D. de O. **Pedagogia Libertária**: Anarquistas, Anarquismos e Educação. São Paulo: Intermezzo, 2015. 272p.



JOMINI, R. **Uma Educação para a solidariedade**. 1989. 190 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1989.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Trad. Cesar Falcão. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011. 151p.

KROPOTKIN, Piotr. **A questão social**: o humanismo libertário em face da ciência. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1913. 72p.

KROPOTKIN, Piotr. **Las prisiones**: el salariado – la moral anarquista. Valencia: F. Sempere Y C Editores, s.d. (1897). 197p.

KROPOTKIN, Piotr. **O princípio anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Hedras, 2007. 146p.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (et al). **Educação Libertária no Brasil** - acervo João Penteadado: inventário de fonte. São Paulo: Fap-Unifep: Edusp, 2013. 384p.

LIPIANSKY, Edmond Marc. **A Pedagogia Libertária**. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2007. 88p.

LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo** – roteiro de libertação social. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1963. 236p.

MOARES, José Damiro. **A trajetória educacional anarquista na Primeira República**: das escolas aos Centros de Cultura Social. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas, 1999. 76p.

MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer e o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo, 2012. 77p.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Faces e dominação da terra** (Jaú 1890-1910). São Paulo: FAPESP, 1999. 171p.

PRADO, Léa De Ungaro Almeida; PRADO, José Renato de Almeida. **De Bica de Pedra a Itapuí**: 100 anos de história. Jaú, SP: Editora do Autor, 2013. 131p.

PENTEADO, João. **Pioneiros do Magistério Primário**. São Paulo, 1944. 92p.

PENTEADO, João. **Digressão História Através do Jahu e de seus Pró-Homens**. São Paulo, 1953. 90p.

PERES, Fernando Antônio. **João Penteadado**: o discreto transgressor de limites. São Paulo: Alameda, 2012. 336p.

PIRES, José Herculano. **Introdução à filosofia espírita**. São Paulo: Paideia, 1983. 86p.

RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002. 136p.



RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos Sobre Educação e Geografia**. Rodrigo Rosa Silva, Adriano Skoda e Guilherme Amaral (organizadores). Terra Livre, São Paulo, 2014. 78p.

RODRIGUES, Edgar. **ABC do Anarquismo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975. 96p.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**: uma aventura anarquista. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. 242p.

SAFÓN, Ramón. **Francisco Ferrer y Guardia**: o racionalismo combatente. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2003. 96p.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A trajetória anarquista do educador João Penteadó**: leituras sobre educação, cultura e sociedade. 2009. 309 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. 475p.

SILVA, Rodrigo Rosa. **Anarquismo, Ciência e Educação**: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). 2013. 379 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. 304p.

TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Jaú: VHK Editora, 2009. 159p.

TOMASSI, Tina. **Breviário del Pensamento educativo libertário**. Trad. Marta Martin. Cali, Colombia: Ediciones Madre Tierra, 1988. 240p.

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia Libertária e Autodidatismo**. 1996. 332 f. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 239p.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 408p.

WOODCOCK, George. **Anarchism**: a history of libertarian ideas and movements. Londres: Pelican Books, 1962. 505p.

WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Trad. Júlia Tettamanzi e Betina Becker. São Paulo: L&PM Editores S/A, 1998. 377p.

Recebido em: 26 de julho de 2022

Aceito em: 19 de dezembro 2022